

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

## A Revolução Cubana e o Caribe: Integração e Diplomacia Social

Marcos Antonio da Silva<sup>1</sup> e Guillermo Alfredo Johnson<sup>2</sup>

### Resumo

Desde a Revolução Cubana, a política externa do país combinou duas dimensões: a dinâmica entre revolução e política formal e, de outro, da interação entre isolamento e integração. Com o fim do bloco soviético, Cuba teve que promover mudanças internas (políticas e econômicas), como em sua política externa que passou a se fundamentar na afirmação da soberania nacional, numa inserção crítica ao cenário internacional e no desenvolvimento da Diplomacia Social (Soft Power), alicerçada nos profissionais altamente qualificados. Este trabalho analisa a progressiva aproximação e reinserção de Cuba na região, discutindo seus limites e potencialidades.

**Palavras-chave:** Revolução Cubana, Caribe, Integração e Diplomacia Social.

### Abstract

Since the Cuban Revolution, the country's foreign policy combined two dimensions: the dynamic between formal politics and revolution and, another, the result of the interaction between isolation and integration. With the end of the Soviet bloc, Cuba had to promote internal changes (political and economic), as in his foreign policy that has to be based on the affirmation of national sovereignty, and a critique insertion in the international scene and the development of Social Diplomacy (Soft Power), based on highly qualified professionals. This paper analyzes the gradual approach and reintegration of Cuba in the region, discussing the limits and potentialities.

**Keywords:** Cuban Revolution, The Caribbean, Integration and Social Diplomacy.

<sup>1</sup> Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do LIAL (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina).

<sup>2</sup> Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e do Mestrado em Geografia. Coordenador do LIAL (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina). Recebido para publicação em 25/10/2011. Aprovado para publicação em 26/06/2012.

## Introdução

**A** Revolução Cubana foi um acontecimento fundamental para a América Latina e, de certa forma, para as relações internacionais na segunda metade do século XX. Tal acontecimento teve um impacto profundo no Caribe, região em que a ilha está inserida.

Durante várias décadas, o processo revolucionário cubano determinou o conjunto das relações internacionais do país e, ainda, tornou-se um marco nas relações regionais e na política doméstica de vários países latino-americanos e caribenhos. Não era possível a indiferença em relação ao que acontecia em Cuba e a atuação externa do país, em prol de transformações radicais na região. Além disto, o cenário internacional, marcado pela Guerra Fria, tornava a ilha e sua atuação um elemento importante no sistema internacional e nas relações interamericanas. Este cenário modificou-se, até abruptamente, no início dos anos 90, com a queda do bloco soviético e a desintegração da URSS. Com o fim do socialismo soviético, inúmeras dúvidas pairavam sobre o destino cubano: Qual o impacto e o que aconteceu com Cuba depois da queda do bloco soviético? Que mudanças políticas e econômicas ocorreram no país nos anos 90? Como Cuba reorientou sua política externa para superar o isolamento internacional?

Quando visitou Cuba no início dos anos 60, Jean Paul Sartre criou uma metáfora para descrever o desenvolvimento do processo revolucionário. Utilizando-se de uma imagem comum ao Caribe, o filósofo dizia que um furacão havia passado pela ilha, apontando com isso, os processos de transformação da velha ordem capitalista e de instauração da sociedade socialista, que revolucionava todos os aspectos da vida social: da educação à política, da economia à cultura, da posse

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

pela terra ao lazer, da saúde ao esporte e assim por diante. Nos anos 90, o país enfrentou um novo (e inesperado) furacão. A queda do Muro de Berlim e a derrocada do socialismo real no Leste Europeu provocaram uma reviravolta no processo de construção do socialismo cubano. De forma abrupta, o país perdeu contato com um mercado que representava cerca de 85% de seu comércio exterior. Esgotaram-se as fontes de financiamento e os benefícios em preços e subsídios fornecidos por tal bloco. Cessaram as fontes de fornecimento de petróleo. O resultado foi o quase colapso econômico e o aumento dos problemas sociais. Grande parte das atividades foram paralisadas; a produção econômica em todos os setores caiu enormemente; os transportes foram paralisados e o nível de vida decresceu.

Tal cenário exigia uma redefinição da política externa cubana e combinava desafios a serem superados, mas também oportunidades, que poderiam contribuir para a sobrevivência das mudanças desenvolvidas pelo país. Para tanto, era fundamental o desenvolvimento de uma estratégia adequada (e cuidadosa) e o reestabelecimento e fortalecimento dos laços com os países caribenhos.

O presente trabalho procura analisar esta reinserção, discutindo a política externa de Cuba nos anos 90. Para tanto, organiza-se da seguinte forma: num primeiro momento, discute os principais desafios e aspectos da política externa desenvolvida pelo país no cenário de incerteza; em seguida, procura discutir a relação de Cuba com a região. Finalmente, apresenta as principais conclusões.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

## **Cuba e a eterna guerra-fria: os impactos do fim do socialismo real e a reorientação da política externa**

O fim do bloco soviético atingiu profundamente Cuba, devido aos intensos laços que foram gestados entre o país e a comunidade socialista desde a Revolução Cubana em 1959. Tais laços profundos haviam determinado grande parte da organização econômica, política e social do país<sup>3</sup>. O rompimento involuntário e inesperado gerou, no mínimo, duas consequências imediatas.

No plano interno, o país enfrentou uma profunda crise econômica e social, iniciando uma nova etapa na sua história, denominada oficialmente de “Período Especial em tempos de Paz”. Tal crise atingiu todos os setores do país, afetando a produção e o intercâmbio comercial, além de atingir o plano social.

Para se ter uma idéia de sua profundidade basta considerarmos alguns indicadores. A interrupção dos laços com os países socialistas representou um duro golpe na economia cubana. O PIB cubano encolheu entre 40% e 50% neste período, ou seja, o país sofreu uma redução de sua economia desta ordem<sup>4</sup>. Ainda, o país também passou a enfrentar problemas relacionados a ausência de capitais, o que incrementou a dívida cubana; no início dos anos 80, o país tinha dívidas na

---

<sup>3</sup> Ayerbe, Luis Fernando. A revolução Cubana. São Paulo, Editora UNESP, 2004. Sader, Emir. Cuba: um socialismo em construção. Petrópolis: Vozes, 2001. Bandeira, Luiz Alberto Moniz. De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

<sup>4</sup> Almendra, Carlos C. A situação econômica cubana diante da queda do Leste Europeu. In: Cpggiola, O. Revolução cubana: história e problemas atuais. São Paulo, Ed. Xamã, 1998. Mesa-Largo, Carmelo. Hacia una evaluación de la actuación económica y social en la transición cubana de los años noventa”. América Latina Hoy, Salamanca, n. 18, p. 19-39, marzo, 1998. CEPAL. La economía cubana. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

ordem de US\$ 2 bilhões que foram aumentando progressivamente até chegar ao montante de US\$ 10,8 bilhões em 1993<sup>5</sup>.

Outro indicador significativo se refere ao encolhimento do comércio externo cubano que, como afirmamos anteriormente, era altamente concentrado e dependente do mercado socialista. As exportações cubanas caíram de um total de U\$ 5,4 bilhões em 1989 para apenas U\$ 1,10 bilhões em 1993, prejudicando o investimento e o gasto público, provocando uma deterioração da produção e dos serviços. Da mesma forma, as importações decresceram de U\$ 8,1 bilhões, em 1989, para cerca de U\$ 2 bilhões em 1993, o que significa uma redução de quase 70%, afetando diretamente o consumo e a produção, reduzindo o mercado interno cubano na mesma medida<sup>6</sup>.

Emblemático é o caso do açúcar, pois este representava a base da produção e possui um alto valor simbólico para o país. O papel desempenhado pelo país na divisão do trabalho proposta pela CAME acentuou determinadas tendências históricas, anteriores à Revolução. Antes desta, o país havia se especializado na produção do açúcar, o que acentuava o caráter monoprodutor e monoexportador de sua economia. Esta relação se mantém com a ligação a URSS. A produção açucareira que entre 1989-90 era próximo a 8 milhões de toneladas, e cuja média entre 81 e 90, era de 7,7 milhões; caiu para 7 milhões em 1992, a 4,3 em 1993, a 4 milhões em 1994 e a 3,5 em 1995, a mais baixa em 50 anos. Apesar de aumentar para 4,4 em 1996, esta média foi a sexta mais baixa em 40 anos. Além disto, o preço do açúcar no mercado mundial também estava em queda devido a

---

<sup>5</sup> Como aponta a CEPAL: "La magnitud del shock económico ha sido comparable al registrado en Europa Oriental o en la antigua Unión Soviética, aunque sus características específicas difieran substancialmente" (CEPAL, 2000, p. 16).

<sup>6</sup> Almendra, Carlos C. A situação econômica cubana diante da queda do Leste Europeu. In: Coggiola, O. Revolução cubana: história e problemas atuais. São Paulo, Ed. Xamã, 1998. Mesa-largo, Carmelo. "Hacia una evaluación de la actuación económica y social en la transición cubana de los años noventa". América Latina Hoy, Salamanca, n. 18, p. 19-39, marzo, 1998. CEPAL. La economía cubana. Ciudad de México, Fondo de Cultura Económica, 2000.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

produção de Brasil e Austrália. Ainda, a prioridade que a produção e a comercialização do açúcar desempenharam na economia cubana fez com que o ciclo vicioso se estendesse a outros setores da economia.

A crise econômica e o ajuste que se seguiu, também atingiram parcialmente as conquistas sociais da revolução. Depois de 1959, Cuba conseguiu níveis de pleno emprego, assistência sanitária, pensões e igualdade social acima dos países socialistas e da América Latina. Como aponta Mesa-Largo (1998), a crise obrigou o fechamento de 70% das indústrias, do maior complexo niquelero e de 90% dos transportes de Havana e outras cidades; e a volta de tropas cubanas da África e outros lugares, assim como do pessoal civil. Segundo estimativas, a taxa de desemprego, combinada com a de mão-de-obra ociosa que recebe subsídios do estado, que era de 7.9% da PEA em 1989 subiu para 25.6% em 1992, chegando a 35.2% em 1993 e decrescendo a 31.5% em 1995. Isto significou um crescimento de 346% em relação aos níveis da década de 80<sup>7</sup>.

A crise econômica também atingiu, embora não tenha provocado um retrocesso definitivo e que possa se equiparar ao período pré-revolucionário, duas das maiores conquistas da revolução, a saúde e a educação. Em relação a primeira, houve um aumento de problemas relacionados a mortalidade acima dos 60 anos, a tuberculose, que duplicou, e sífilis, embora seja necessário destacar que ocorreu uma queda da mortalidade infantil, em que o país possui níveis comparados aos dos países desenvolvidos sendo de 9.4 por mil nascimentos em 1995; além disto, causou a falta de 300 tipos de medicamentos, vacinas, material cirúrgico e peças para equipamentos médicos, que aliados a redução do consumo de alimentos afetou duramente o setor. Mesmo que, como aponta o governo, nenhum hospital

---

<sup>7</sup> Mesa-Largo, Carmelo. "Hacia una evaluación de la actuación económica y social en la transición cubana de los años noventa". América Latina Hoy, Salamanca, n. 18, pp. 19-39, marzo, 1998.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

tenha sido fechado e da continuada queda da mortalidade infantil as condições de saúde se deterioram. No primeiro semestre de 1993, houve uma epidemia de neurose ótica, causada em grande medida pela má nutrição e deficiências de vitaminas<sup>8</sup>.

Também na educação a crise gerou impactos. Por um lado, houve uma escassez de papel, lápis, livros e outros materiais didáticos e pedagógicos; além da deterioração dos prédios públicos e materiais utilizados para atividades desportivas e artísticas que eram substituídos de maneira criativa, embora algumas vezes inadequadas. De outro lado, como nos mostra Mesa-Largo (1998), ocorreu uma diminuição do número de estudantes matriculados: no ensino médio o número de matrículas decresceu de 1.073 milhão de alunos, em 1989, para 703 mil alunos em 1995, uma queda de 34%; no ensino superior a queda foi ainda mais intensa, caindo de 250 mil em 1989 para cerca de 128 mil em 1994, uma queda de quase 50%. Como apontou Raul Castro isto ocorreu, em grande medida, devido à perda de perspectivas de inserção no mercado de trabalho e pelo fato de que muitos trabalhadores autônomos conseguem rendimentos melhores do que os que possuem diploma universitário.

Além dos problemas internos, o impacto do fim da URSS atingiu diretamente a inserção internacional do país. Desse modo, Cuba perdeu o principal parceiro, econômico e militar. Além disto, viu nascer uma ordem internacional hegemônica pelo seu principal oponente, que se tornou a única superpotência mundial, mantendo uma política de isolamento e embargo ao país, para provocar a queda do regime cubano e desenvolvendo uma hegemonia que adquiriu cada vez mais contornos imperiais. Diante disto, o país encontrou-se mais indefeso e isolado, desde que se iniciou o processo de construção do socialismo nos anos 60

---

<sup>8</sup> Mesa-Largo, Carmelo. *Ibidem*. ALMENDRA, Carlos C. *Ibidem*.



Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

e diante da ausência de uma comunidade sólida com quem estabelecer laços, teve de enfrentar um duplo desafio. Por um lado, como analisamos anteriormente, o país precisou enfrentar uma crise de legitimidade que afetava o regime, depois da crise dos referenciais políticos que orientaram a construção de sua estrutura socialista; e, por outro, o crescente isolamento e a dificuldade de se inserir neste mundo novo que se inaugurava.

Diante dos desafios impostos por estas mudanças, o país se viu obrigado a adequar seu aparato produtivo, institucional e legal as novas condições que lhe são impostas e, principalmente, *reconstruir todo seu sistema de relações externas*. Para tanto, foi necessário redefinir os princípios, os objetivos e a dinâmica de sua política externa.

Sendo assim, o objetivo fundamental que orientou tal política foi o desenvolvimento de ações e relações que pudessem garantir a sobrevivência do regime e a superação do isolamento a que se viu submetida diante da queda do bloco soviético. Esta *dinâmica de sobrevivência e superação do isolamento*, como faces da mesma moeda, já aparecia nos anos anteriores e estava relacionada, sobretudo, a consolidação das mudanças desenvolvidas pelo regime da revolução. Nos anos 90, porém, modifica-se a sua natureza e seu impacto sobre a política externa do país.

O objetivo central da política externa cubana tem sido, mais do que nunca, garantir a sobrevivência do regime em suas dimensões fundamentais.

Para que isto fosse alcançado ocorreu conforme aponta, sob outra perspectiva, Alzugaray (2003) uma *redefinição do interesse nacional cubano*. Tal interesse nacional havia sido orientado até então pela manutenção da segurança e o desenvolvimento do país, como apontamos anteriormente, ao analisar o processo



Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

de consolidação da revolução, daí a importância fundamental da aliança com a URSS. Tal política, apesar de promover o rompimento do isolamento diplomático, de contribuir para o estabelecimento de laços em todos os continentes, inclusive com países próximos aos EUA e garantir um papel ativo nas lutas do Terceiro Mundo, porém manteve o país vulnerável e dependente, o que se mostrou extremamente problemático com o fim da ordem em que foi gerado. Desse modo, o interesse nacional, definido no contexto da guerra-fria, já não era possível e eficaz.

Sendo assim, Alzugaray (2003) aponta que ocorreu uma redefinição do interesse nacional. Considerando os fundamentos políticos e ideológicos que segundo ele, propiciaram a sedimentação de um pensamento radical, progressista e emancipador em Cuba, cuja figura maior foi José Martí, que antecede e são apropriados pela revolução cubana e sua liderança, o autor define interesse nacional ao longo da década de 90, da seguinte forma:

Mantener la independencia, soberanía, autodeterminación y seguridad de la nación cubana, su capacidad de darse un gobierno popular, democrático y participativo propio basado en sus tradiciones, con un sistema económico-social próspero y justo, y que, a su vez, le permita proteger su identidad cultural y sus valores socio-políticos y proyectarlos en la arena mundial con un nivel de protagonismo acorde a sus posibilidades reales como miembro efectivo de la sociedad internacional<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Alzugaray, Carlos. La política exterior de Cuba en la década de 90: intereses, objetivos y resultados. Política Internacional, La Habana, vol. I, n. 1, pp. 14-32, enero-julio 2003, p.17.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Apesar do reconhecimento de que o conceito de interesse nacional é controverso e determinado historicamente, podemos destacar que a proposta do autor é interessante porque nos permite identificar de maneira mais clara, e em concordância com o pensamento da liderança cubana, a sua importância para a política externa do país ao longo desta década. Sendo assim, podemos identificar claramente seus objetivos, apontando que o elemento determinante do interesse nacional redefinido foi:

[...] a tenor con su interés nacional, neutralizar y revertir la tradicional política norteamericana de reimplantar su hegemonía sobre la isla, sin hacer concesiones de principio en torno a la soberanía, la autodeterminación, el modelo socialista cubano y su política exterior<sup>10</sup>.

Ou seja, trata-se de afirmar os mecanismos internos de construção e consolidação do regime, assim como desenvolver uma política externa que contribua com tal objetivo, procurando superar os problemas impostos pelo conflito com os EUA e o questionamento de seu modelo político.

Desta forma, fica evidenciada, também na política externa desenvolvida pelo país, a realização de um processo de desideologização, que ocorria no âmbito interno, e a adoção de uma postura pragmática, considerando que a política externa deveria contribuir para a superação das dificuldades econômicas e seria conduzida, desde então, de uma forma pacífica e formal, evitando ações que pudessem acentuar a política americana e minimizar o apoio de outros países para a superação do isolamento político-diplomático e a inserção econômica.

---

<sup>10</sup> Ibidem.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Além disto, aponta para a centralidade, agora renovada, da busca de integração com os países latino-americanos e que no âmbito econômico tornou possível uma maior aproximação com os países do Caribe e de toda região, ampliando o comércio bilateral e o acesso a capitais.

Finalmente, cabe enfatizar que tal política seria conduzida a partir da observância das leis e do direito internacional, o que conduziu a um maior ativismo nos fóruns multilaterais e o desenvolvimento de estratégias de reforço na confiança recíproca em relação aos países da região e aos parceiros potenciais. Desta forma, a liderança cubana desenvolve uma política externa que possa atingir os objetivos básicos apontados anteriormente, procurando com isto garantir recursos que pudessem contribuir para a sua sobrevivência e uma inserção adequada do país no novo contexto internacional.

Tal objetivo passou por um reordenamento das relações econômicas do país e, junto a isto, a realização de mudanças para garantir a previsibilidade e, acima de tudo, a confiança da comunidade internacional e dos parceiros bilaterais nos negócios que poderiam ser realizados. Além disto, o cenário econômico interno condicionava, em maior ou menor medida, a busca de parceiros que pudessem investir e suprir as necessidades do país.

A concretização desta estratégia de sobrevivência só poderia ser eficaz na medida em que o país fosse capaz de superar o isolamento, econômico e político, a que se viu submetido. Grande parte dos elementos de isolamento do país tinha relação direta com a guerra-fria, sendo uma herança do posicionamento do país e da esperança de que as relações com a comunidade socialista não seriam rompidas. Desta forma, o país foi excluído do seio da OEA, ainda em 1962, e pouco a pouco foi abandonando qualquer tentativa de retorno, o que não era uma prioridade

para a liderança do país, seja devido à percepção de que a entidade era determinada pelo peso e influência norte-americana, seja porque foi possível, embora nem sempre de forma adequada e estável, a manutenção dos laços com os países da região, principalmente no caso de governos simpáticos a causa cubana, como também a partir do processo de democratização que permitiu a superação dos entraves ideológicos, de ambos os lados, para o estabelecimento de relações políticas maduras com a maioria dos países. Além disto, o país se retirou do FMI e do Banco Mundial, e nunca fez parte do Banco Interamericano de Desenvolvimento<sup>11</sup>.

A reinserção internacional baseou-se, em primeiro lugar, no estabelecimento ou fortalecimento de laços econômicos com novos parceiros. Neste sentido, impressiona a diversificação das relações econômicas internacionais de Cuba no final da década de 90, conforme a tabela a seguir que sintetiza esta ação:

Quadro 1

Transações	Primeiro sócio	%	Segundo sócio	%
Exportações	Rússia	23	Holanda	13
Importações	Espanha	18	Venezuela	13
Turismo	Canadá	17	Alemanha	11
Dívida	Japão	19	Argentina	14
Investimentos	Espanha	23	Canadá	19

Fonte: Dominguez, 2003, p. 455.

<sup>11</sup> Domínguez, Jorge I. Cuba en las Américas: ancla y viraje. Foro Internacional, Ciudad de México, vol. XLIII, nº 3, p. 265, julio-septiembre, 2003.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Tal quadro nos revela a diversificação de relações e demonstra que:

En resumen, la evolución del comercio internacional de Cuba muestra el impacto del desplome económico y la pérdida de las subvenciones soviéticas. Cuba diversificó sus socios comerciales de forma considerable, especialmente en lo relativo a la importación de bienes. En líneas generales, las relaciones comerciales cubanas con diversos países de la Unión Europea, Canadá, México y China parecían sólidas y firmes. Rusia seguía siendo el principal mercado de exportación, y por ello una fuente potencial de inestabilidad. En particular, las relaciones comerciales con Canadá, Francia, Italia, España y México constituían una réplica a Estados Unidos<sup>12</sup>.

Ao longo da década, o Estado cubano conseguiu desenvolver uma política externa coerente e unificada. Comportando-se como um ator racional, o país soube definir adequadamente os seus interesses fundamentais e desenvolver uma política consequente com os mesmos, o que não significa a inexistência de tensões e a realização de todos os seus objetivos, como destacaremos posteriormente. O que procuramos acentuar, é que a liderança cubana conseguiu manter a unidade, internamente apesar do aumento de organizações que criticavam o regime, e, principalmente, no desenvolvimento de sua política externa.

Como apontam Alzugaray (2003) e Salazar (1997), ocorre também uma ampliação dos atores institucionais envolvidos na elaboração e na execução da política exterior cubana sem afetar, porém, a unidade de atuação. Prova disto tem

---

<sup>12</sup> Domínguez, Jorge I. El sistema político cubano en los noventa. In: Bobes, Velia; Rojas, Rafael. La Transición invisible. Ciudad de México: Océano, 2004, p. 283.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

sido o relevo de figuras históricas, o fortalecimento da Chancelaria<sup>13</sup> e a participação de atores institucionais vinculados à execução das relações econômicas internacionais, como o Ministério de Inversão Estrangeira e Colaboração Econômica. Em relação ao primeiro, cabe destacar o desenvolvimento de um serviço extremamente profissionalizado, com funcionários que possuem uma ampla formação e conhecimento em diversas áreas, capazes de responder ativamente aos questionamentos que o país enfrentou em determinados fóruns. Para tanto, modernizou-se a estrutura do MINREX e sua capacidade de responder a estas e outras demandas, gerando uma maior publicidade das atividades externas do país e, principalmente, uma maior visibilidade de suas posições. Vale ressaltar que tal diplomacia atua, de forma eficaz, tanto em fóruns oficiais, em reuniões bilaterais ou nos organismos multilaterais, como em fóruns de organizações voltadas a crítica a globalização. Tal ação tornou possível a ampliação das relações diplomáticas do país que, mesmo diante do bloqueio americano e do questionamento de seu modelo político, se estendem a cerca de 180 países, conforme dados do próprio ministério<sup>14</sup>.

Também as Forças Armadas Revolucionárias (FAR) tornaram um ator relevante, embora por outras razões. Isto ocorre pela desmilitarização da atuação externa do país, com o retorno, já assinalado, das tropas cubanas estacionadas na África e na América Latina, e a afirmação de uma política pacífica e construtiva em relação aos conflitos que o país participou em décadas anteriores. Os motivos de tal

---

<sup>13</sup> Objeto de preocupação de Raul Roa desde o início da Revolução, a profissionalização dos serviços diplomáticos é cada vez mais evidente, inclusive com a criação e o desenvolvimento do ISRI (Instituto de Relações Internacionais) ligado ao MINREX. Para uma compreensão das atividades do instituto e a formação de uma burocracia ligada ao serviço diplomático, ver a página do mesmo na Internet: [www.isri.cu](http://www.isri.cu) ou do MINREX [www.minrex.gov.cu](http://www.minrex.gov.cu).

<sup>14</sup> Alzugaray, Carlos. La política exterior de Cuba en la década de 90: intereses, objetivos y resultados. Política Internacional, La Habana, vol. I, nº 1, pp. 14-32, enero-julio 2003.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

retirada são de ordem política, desenvolver uma imagem pacífica e não belicista e gerar um novo tipo de relacionamento diplomático, em que se destacam as questões sociais; como também de ordem econômica, a dificuldade de sustentar um contingente relativamente elevado de soldados em regiões distantes gerava um custo elevado que não podia mais contar com o apoio soviético. As FAR passaram a atuar nos diversos setores da economia cubana, desde fazendas exportadoras de cítricos até no setor de turismo, tornando-se um importante ator na inserção internacional e reestruturação econômica do país<sup>15</sup>.

No entanto, o principal desafio da política externa cubana nos anos 90 continuou sendo a relação conflituosa do país com os EUA e suas conseqüências, apontada como a razão fundamental do isolamento a que o país se viu submetido e o elemento fundamental para a compreensão da atuação internacional do país ao longo da década<sup>16</sup>.

### **Cuba e o Caribe: do isolamento à integração**

As relações de Cuba com o Caribe sempre foram intensas, embora em certos momentos ao longo dos anos 60 e 80 tenham se tornado tensas devido, entre outras causas, a estratégia da liderança cubana de promoção e apoio de movimentos revolucionários na região e a existência de regimes autoritários em alguns países.

---

<sup>15</sup> Caroit, 2016.

<sup>16</sup> Alzugaray, Carlos. Raúl Roa García y la creación de una cancillería revolucionaria: los primeros años. Política Internacional, La Habana, vol. IV, n. 4, pp. 62-83, Julio-diciembre 2004. Salazar, Luiz Soares. Cuba: aislamiento o inserción en un mundo cambiado? La Habana: Ciencias Sociales, 1997. Domínguez, Jorge I. La política exterior de Cuba y el sistema internacional. In: Tulchin, Joseph; Espach, Ralph. América Latina en el nuevo sistema internacional. Barcelona, Bellaterra, 2004b.



Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Para López Segrera (1988), a adoção de uma política autônoma e independente ocorreu com a emergência do processo revolucionário. Desde então, algumas etapas podem ser caracterizadas. A primeira etapa, que denomina de início de uma política externa ativa e independente (1959-1962), é caracterizada pela organização administrativa, pelo estabelecimento dos princípios que orientarão a postura cubana e pela tentativa de promover a revolução e, paradoxalmente, evitar seu isolamento, enfatizando a inserção na comunidade americana. A segunda, denominada de etapa do isolamento (1962-1970), caracteriza-se pelo rompimento dos laços diplomáticos com a maioria dos países latino-americanos, com a expulsão do país da OEA, e a tentativa de estabelecer laços mais sólidos em outros continentes e com a comunidade socialista, destacadamente a URSS. A terceira, denominada de socialismo institucional (1970-1979), caracteriza-se pela aproximação e integração cada vez mais intensa com a CAME, inserindo o país na divisão econômica internacional do bloco socialista, pela atuação no movimento dos países não-alinhados, procurando convergir os interesses do país com este grupo e pelo envolvimento, cada vez mais profundo, com o continente africano. Finalmente, o autor identifica uma quarta etapa, denominada de consolidação revolucionária (1979-1988), em que procura destacar a consolidação das relações externas do país, o fortalecimento dos laços com a comunidade latino-americana, seja com governos revolucionários (Nicarágua), seja com governos civis e democráticos (Brasil e Argentina, entre outros), representando a construção de um *modus vivendi* com os governos que permitiu ao país ampliar seus laços.

Embora a análise do autor se interrompa nesta etapa, podemos identificar claramente uma sétima, pós-soviética, que emerge a partir do início dos anos 90, ganhando contornos mais nítidos ao longo desta década em que se destacam a

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

redefinição do interesse nacional, a necessidade de romper o isolamento político-diplomático-econômico, emergindo uma política mais pragmática, com base nos interesses econômicos e comerciais.

Desde o início, pode-se considerar que a liderança cubana compreendia que o destino de sua Revolução estava relacionado ao aprofundamento dos laços e a integração com a região, atuando de diferentes formas para a promoção destes objetivos. Segundo Salazar, “los métodos y los medios para construir ese común destino latinoamericano se han ajustado a los desarrollos específicos de la situación continental y marcado, por consiguiente, diferentes etapas y momentos en su realización concreta”<sup>17</sup>. Sendo assim, podemos afirmar que os laços culturais, históricos, econômicos, e, em certos casos, políticos, fizeram com que a América Latina ocupasse um lugar privilegiado na elaboração da política externa do país, mesmo quando o contexto imediato dificultava o desenvolvimento destas relações<sup>18</sup>.

Ainda, considerando a análise de Salazar (1986) é necessário ressaltar que, apesar de dinâmica, a política externa cubana desenvolvida para a região permite identificar linhas de continuidade, demonstrando a centralidade desta nos interesses do país. Entre os elementos que nos permitem identificar tal continuidade, podemos identificar: a contraposição entre pan-americanismo e latino-americanismo que permite visualizar referências, estratégias e projetos diferenciados de integração da região; a busca de um desenvolvimento autônomo e autossustentável para enfrentar, na visão cubana, a hegemonia americana na região; a modificação das relações de dependência e dominação; a necessidade de

<sup>17</sup> Salazar, Luiz Soares. La política de la Revolución cubana hacia América Latina y el Caribe: notas para una periodización. Cuadernos de Nuestra América, La Habana, vol. III, n. 6, p. 137-180, Julio-diciembre 1986, pp. 145.

<sup>18</sup> López Segrera, Francisco. Cuba: política exterior y revolución. La Habana, ISRI, 1988. Bandeira, Luiz Alberto Moniz. De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Salazar, Luiz Soares, *Ibidem*, pp. 137-180.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

eliminação de traços coloniais, presentes na relação com os países desenvolvidos e na situação particular de alguns países; a condenação a qualquer intervenção estrangeira nos assuntos internos americanos; a intenção de manter relações de mútuo respeito com países latino-americanos, mesmo quando estes não possuam uma orientação socialista; a crítica às ditaduras militares que existiram no continente, entre os anos 60 e 80; a busca de soluções negociadas dos conflitos interamericanos.

Estas linhas de continuidade indicam a importância da região no desenrolar da política externa cubana que, mesmo dinâmica, procurava desenvolver uma estratégia que incentivava mudanças. Por outro lado, a combinação destes aspectos com os objetivos mais imediatos da revolução acabou gerando inúmeras tensões e problemas para que as relações entre Cuba e os demais países, efetivamente se consolidassem.

Com a queda do bloco soviético, ocorre como afirmamos anteriormente, um processo de redefinição de seus laços externos que, como aponta a CEPAL (2000), pode ser compreendido a partir da análise das seguintes variáveis: o acesso a capitais, através da renegociação de suas dívidas, da abertura de créditos e o incremento do turismo; o desenvolvimento do comércio internacional, através das importações e exportações do país; e, finalmente, a integração através de acordos, bi e multilaterais, integrando a economia do país a outras nações e blocos comerciais.

Desta forma, podemos apontar que a liderança cubana compreendeu bem à importância do fortalecimento dos laços estatais, e que a melhor forma de fazê-lo era incentivando o comércio bilateral. Esta estratégia foi complementada pela inserção nos mecanismos de integração regional, quando possível,

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

principalmente no contexto caribenho. Por isto, embora ainda sem o direito de participar ativamente na Organização dos Estados Americanos (OEA), Cuba se tornou membro fundador da Associação de Estados do Caribe (AEC), participa com plenos direitos da ALADI, participou de todas as reuniões de Cúpulas Ibero-americanas, manteve estreitos contatos com o CARICOM, tentou uma maior aproximação com o MERCOSUL e a Comunidade Andina (CAN) e esteve presente em outros fóruns multilaterais da região. De outra parte, a Ilha apareceu como um espaço de novas oportunidades para o setor privado e as empresas estatais de México, Brasil, Argentina e Venezuela.

O caráter de economia pequena exigiu também uma estratégia integracionista e de colaboração Sul-Sul, que no caso de Cuba, tem como cenário natural a área latino-americana e caribenha. O conjunto de países da América Central, México, Colômbia, Venezuela e do Mar das Antilhas (o grande Caribe), constituem uma região geoeconômica de alto valor estratégico para o desenvolvimento da ilha. Ainda que Cuba tenha conseguido desenvolver mudanças estruturais na orientação geográfica de seu comércio exterior mais favorável a América Latina, suas possibilidades de integração são maiores no Caribe<sup>19</sup>.

Desta forma, já no início dos anos 90, o país acabou se integrando à Organização de Turismo do Caribe, algo que almejava desde os anos 80 e que não havia sido alcançado devido aos conflitos com o governo de Granada. Porém, a grande iniciativa no âmbito econômico foi a incorporação a AEC, em julho de 1994, que envolve os países do Caribe, Venezuela, México, Colômbia e os países da América Central, possibilitando a integração econômica e a intensificação do comércio.

---

<sup>19</sup> Para uma análise histórica das relações entre Cuba e Caribe e o desenvolvimento dos ideais integracionista, apesar dos problemas conjunturais, ver, entre outros, o livro "Cuba y la integración de América Latina y Caribe", de Eduardo K. Pevida, Santo Domingo, Ed. Promlibro, 1995; e o artigo "El Caribe en la política exterior cubana: una periodización" de Gerardo Gonzáles, Cuadernos de Nuestra América, La Habana, vol. VIII, n. 16, 1991.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Neste sentido, como aponta Domingues (1994), o comércio cubano com os países da região alcançou, ainda em 1992, mais de U\$ 100 milhões, crescendo durante a década de maneira intensa.

Segundo Nuñez (1994), está em marcha um processo de progressiva aproximação e reinserção de Cuba na região, que teve início ainda no final dos anos 80, e que se incrementou com a participação cubana no CARICOM, marcada pelos aspectos da prudência, como no caso da relação com a República Dominicana, pelo desenvolvimento gradual e equilibrado de relações políticas e econômicas e pelo incremento das relações comerciais que, apesar dos esforços, encontram dificuldades no perfil semelhante das economias da região. De qualquer forma, as relações econômicas ganham destaque neste processo de aproximação<sup>20</sup>, com a integração cubana com os grupos empresariais da região, a partir de objetivos claramente definidos: biotecnologia, agricultura açucareira, agropecuária, pesca, intercâmbio cultural, energia atômica e, principalmente, incremento do turismo.

Este processo de integração cubana com os países da região tem contribuído para o incremento à realização de acordos bilaterais. Para que possa dimensionar a importância de tais acordos, basta observar que, apenas em relação aos países latino-americanos, as preferências outorgadas por acordos alcançado a partir da base caribenha chegaram a abranger cerca de 640 produtos no final da década de 90<sup>21</sup>. Desta forma, a integração econômica tem propiciado à liderança cubana a realização de dois objetivos: por um lado, contribui para a recuperação

---

<sup>20</sup> Se a aproximação parece ocorrer e ser viável no campo econômico, no aspecto político dois elementos parecem dificultar a mesma: por um lado, a percepção, residual mas ainda existente, de que Cuba seria um fator de instabilidade na região devido ao seu sistema político e as relações conflituosas com os EUA; e por outro lado, a sensação de que se o país ingressar numa transição capitalista certamente ocuparia o primeiro lugar na captação de investimentos estrangeiros, leia-se norte-americanos (NUÑEZ, 1994, p. 25).

<sup>21</sup> CEPAL. La economía cubana. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 227.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

econômica do país e, por outro, contribui para a superação do isolamento político, fortalecendo laços que, por diversas razões, foram tradicionalmente pobres ao longo do ciclo revolucionário<sup>22</sup>.

Como a política externa do país é conduzida por inúmeros atores, deve-se destacar o papel do Ministério do Comércio Exterior Cubano (MINCEX) que, segundo a CEPAL (2000, pp. 213-240) tem conduzido os esforços para a reconstrução do setor externo do país e está a frente das principais medidas para a inserção econômica externa promovida ao longo da década. Neste sentido, estão as medidas orientadas ao fomento das exportações, como bens e serviços, a legalização e controle das remessas dos imigrantes que representaram cerca de US\$ 700 milhões em 1998 e continuavam crescendo; o estabelecimento de acordos, que representaram a incrementação das relações bilaterais comerciais mais favoráveis ao país<sup>23</sup> e a participação ativa em fóruns de negociação comercial, como ALADI e o CARICOM; o desenvolvimento de uma política de substituição de importações, adequada a capacidade econômica do país, e de promoção de atividades consideradas essenciais e sua modernização; políticas de financiamento do setor externo, realizando a troca de dívidas por ativos fabris ou por produtos considerados essenciais que atraíram os investimentos estrangeiros; e, finalmente, o desenvolvimento de estratégias para aliviar o estrangulamento do setor externo, incentivando o estabelecimento de cadeias produtivas, a lógica produtiva e eficiência, procurando aprimorar a relação custo-benefício e de qualidade e preço.

---

<sup>22</sup> Como aponta Dominguez (2004b) “Cuba ha logrado que los miembros del CARICOM se opongan a las políticas de EUA hacia Cuba. [...] La firma del acuerdo se había demorado porque Cuba planteaba objeciones a las referencias a los derechos humanos y la democracia; al final, el CARICOM cedió basándose en que esa clase de referencias no existían en acuerdo similares que se habían alcanzado con otros países latinoamericanos” (p. 269).

<sup>23</sup> Para se ter uma ideia, como aponta o estudo da CEPAL, os acordos bilaterais de alcance parcial com Colômbia saltaram da média de 22, em 1989, para cerca de 400 em 1994, e com a Venezuela passaram de 50 para cerca 300, na mesma data (CEPAL, 2000, p. 227).

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

A redefinição exterior cubana tem entre suas prioridades a América Latina e Caribe. Estas relações já não possuem o caráter conflitivo de décadas anteriores. Isto porque, para Cuba o bom relacionamento com os países latino-americanos é uma condição fundamental para o aprimoramento econômico, como também para a ampliação da rede de apoios em relação ao conflito com os EUA, e, ainda, tal ação não se orienta principalmente pela tentativa de promoção de revoluções. Da mesma forma, para os países da América Latina, Cuba já não representa uma ameaça, se constitui num mercado que não deve ser descartado e pode contribuir para a solução de problemas internos, com sua diplomacia social, ou para a pacificação de conflitos.

A relação com os países das Antilhas estão entre as melhores e mais estáveis. A mudança ocorreu em março de 1992, quando Cuba restabelece relações com o governo de Granada, depois da invasão americana em 1982.

Além da integração diplomática e comercial, deve-se destacar a atuação cubana em missões de cooperação, algo que relacionamos ao exercício do *soft power* cubano<sup>24</sup>. Como apontam Dominguez (2003) e Alzugaray (2003), Cuba continua exercendo um poder sedutor, Neste sentido, embora em menor medida e de forma diferente das décadas anteriores, a revolução cubana continua possuindo certos atrativos e cativando uma parte expressiva da população e dos governos, principalmente no Caribe e América Latina. Para os dois autores, embora sob perspectivas diferentes, se nos anos anteriores o que cativava certos setores da América Latina era não apenas a possibilidade de realização da revolução, conforme aponta Sader (2001), mas também o fato de que esta realizava importantes mudanças estruturais internas e, acima de tudo, desafiava os EUA, com seu exemplo de valentia, imaginação, libertação, abertura de novos

<sup>24</sup> Nye, Joseph Jr. O paradoxo do poder americano. São Paulo, Ed. da UNESP, 2002.



Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

horizontes e, principalmente, à afirmação do latino-americanismo, fundamentada na obra de José Martí e de sua “Nuestra América”, frente ao pan-americanismo e a afirmação dos interesses hegemônicos norte-americanos. Na década de 90, embora se mantenham estes elementos, o *soft power* cubano ganha novos contornos.

Já não é a capacidade militar ou revolucionária, embora continuem existindo, que fornecem ao país o exercício do *soft power*. Este deriva agora da constatação de que o país conseguiu desenvolver uma rede de proteção estatal que, apesar dos problemas, conseguiu solucionar, embora não definitivamente, grande parte dos problemas que atingem os países da periferia garantindo acesso a saúde e educação, entre outros, a maioria da população e minimizando os efeitos da desigualdade social. Aliado a isto, se observa o extraordinário desempenho cubano em certas áreas, nos eventos internacionais, no campo do esporte e da cultura.

Isto contribuiu para a afirmação de uma nova estratégia, que aprimorou a relação do país com outras nações. Trata-se do conceito desenvolvido por Julie Feinsilver<sup>25</sup> de Diplomacia Médica, compreendida por:

En los análisis sobre la política exterior cubana se han pasado por alto la diplomacia médica. Sin embargo, ella ha sido parte integral de casi todos los acuerdos de cooperación y ayuda que Cuba ha consagrado históricamente al fortalecimiento de sus lazos diplomáticos con otros países del Tercer Mundo. Decenas de países han recibido asistencia médica cubana de largo plazo, y muchos otros han recibido ayuda a corto plazo en respuesta a situaciones de emergencia. La ayuda médica

<sup>25</sup> Para uma análise mais aprofundada do conceito ver o livro do autor “Healing the masses: Cuban Health Politics at Home and Abroad”, Berkeley, University of Califórnia Press, 1993.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

cubana llega a millones de personas en el Tercer Mundo anualmente a través del suministro directo de atención sanitaria, y a miles anualmente a través de programas de educación y entrenamiento en la esfera de la salud, tanto en Cuba como en el extranjero. El impacto positivo de esta ayuda en la salud de poblaciones del Tercer Mundo ha mejorado considerablemente las relaciones de Cuba con otros países y ha aumentado el capital simbólico de Cuba entre gobiernos, organizaciones internacionales e intelectuales que, en el Tercer Mundo, a menudo juegan un papel importante en la formación de opinión pública y la política pública<sup>26</sup>.

Pode-se afirmar que tal atuação tem contribuído para o desenvolvimento do *soft power* cubano, fortalecendo os laços com outros países, no âmbito estatal e societal.

Outro aspecto relevante é que tal atividade permite que o governo cubano continue enviando uma parte significativa de sua população para trabalhar em outros países, agora sem o conteúdo militar das iniciativas desenvolvidas ao longo da fria ação, reforçando seus laços com o regime e ampliando a capacidade de manter o consenso interno. De outra parte, principalmente através de programas de treinamento educacional, como o significativo caso da “Escola Latino-americana de Medicina”, voltada à formação de futuros profissionais de medicina de setores empobrecidos em seus países de origem que possuem dificuldade de acesso ao ensino superior, faz com que a revolução cubana

<sup>26</sup> FEINSILVER, 1993, p. 193; citado por ALZUGARAY, Carlos. Raúl Roa García y la creación de una cancillería revolucionaria: los primeros años. Política Internacional, La Habana, vol. IV, n. 4, p. 62-83, Julio-diciembre 2004.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

continue exercendo seu poder sedutor em parcelas importantes da população dos países de onde procedem estes estudantes.

Finalmente, convém ressaltar que tal atuação não se restringe ao campo médico, embora este seja o exemplo mais significativo, mas abrange outras áreas em que o país tem um desempenho importante no cenário internacional, estendendo-se hoje a educação, ao esporte, a cultura e certas áreas do conhecimento científico. Isto parece sugerir que o conceito de Diplomacia Médica, utilizado por Feinsilver, poderia ser ampliado para o exercício de uma “Diplomacia Social”, como uma estratégica importante para a ampliação e o fortalecimento de laços políticos e, além disto, para a captação de recursos indispensáveis à recuperação econômica do país, já que em alguns casos, como da Venezuela na década seguinte, os serviços prestados são pagos em bens fundamentais para a nação cubana. Neste sentido, inúmeras iniciativas de cooperação, utilizando os recursos humanos do país, se desenvolvem nos países caribenhos.

Apesar disto, como aponta López Segrera (1995), uma das dificuldades para esta reinserção continua sendo as tensões geradas entre a vigência dos ideais revolucionários cubanos e a manutenção de relações estatais normais com os países da região, diante dos problemas enfrentados pelos mesmos na década de 90. Neste sentido:

Um dos grandes desafios que terá de enfrentar a projeção internacional de Cuba na região (como dissemos ao nos referirmos ao caso de El Salvador) decorre da necessidade de conciliar o desenvolvimento das relações estatais (e com os setores do capitalismo local) com seus vínculos com as organizações políticas, sociais, religiosas e de todo tipo que representam o

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

movimento popular, mais ainda quando as políticas do Fundo Monetário Internacional excluem amplas massas da sociedade latino-americana<sup>27</sup>.

## Conclusão

Ao longo dos anos 90, Cuba foi tecendo uma rede de apoios no plano bilateral e multilateral, que permitem afirmar que a ilha já não está marginalizada no contexto internacional, garantindo a sobrevivência do regime e a superação do isolamento a que se viu submetida no início da década. Se no início parecia impossível que a ilha pudesse sobreviver, no início deste novo século a reflexão caminha para averiguar as possibilidades reais de manter os êxitos sociais e, ao mesmo tempo, criar as condições para competir num mundo globalizado.

Isto ocorreu porque o país conseguiu diversificar suas relações econômicas internacionais entre vários sócios em diferentes esferas e assim reduzir, pela primeira vez, a dependência que orientou suas relações desde a conquista de sua soberania no final do século XIX. Neste sentido, consideramos como Alzugaray (2003) que Cuba obteve mais êxitos que fracassos em sua política externa ao longo desta década. Entre os primeiros, destacam-se a manutenção da soberania, da independência e da capacidade de autodeterminação que possibilitou ao país iniciar sua recuperação econômica e ampliar os laços com a comunidade internacional, nas relações com os Estados e com a comunidade internacional, através da participação em organismos e fóruns multilaterais. Manteve a capacidade de defesa, e mesmo com a ausência da proteção soviética, o país foi

---

<sup>27</sup> LÓPES SEGRERA, Francisco. Cuba: política exterior y revolución. La Habana: ISRI, 1988, p.133.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

capaz de se defender e possibilitar uma incorporação de suas forças armadas nos desafios internos, econômicos, que o país enfrentava.

Um destes êxitos está na intensificação das relações, comerciais e diplomáticas, com os países caribenhos. Cuba tem participado ativamente das organizações regionais, tem aumentado o fluxo comercial com os países da região e desenvolvido estratégias de cooperação científica e técnica em áreas de interesse mútuo. Além disto, também no entorno caribenho o país tem exercido sua “diplomacia social”, intercambiando recursos humanos para ações de cooperação nos países vizinhos ou recebendo pessoas para aprimoramento técnico-científico, utilizando-se de seu potencial em saúde e educação, principalmente.

Apesar disto, o aprofundamento de tais laços passa pela superação dos desafios que permanecem em sua inserção internacional. Por um lado, a superação do bloqueio americano e a dificuldade de se encontrar um *modus vivendi* com o país que seja razoável para ambos; e, finalmente, a capacidade de conseguir um desenvolvimento econômico eficaz e sustentável, diante das limitações de seus recursos naturais. A superação destes desafios pode contribuir para que as relações com os países caribenhos se intensifiquem, bem como para a integração da região.

## **Bibliografia**

ALMENDRA, Carlos C. “A situação econômica cubana diante da queda do Leste Europeu”. In: COGGIOLA, O. **Revolução cubana: história e problemas atuais**. São Paulo, Ed. Xamã, 1998.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

ALZUGARAY, Carlos. **La política exterior de Cuba en la década de 90: intereses, objetivos y resultados**. Política Internacional, La Habana, vol. I, n. 1, p. 14-32, enero-julio 2003.

ALZUGARAY, Carlos. **Raúl Roa García y la creación de una cancillería revolucionaria: los primeros años**. Política Internacional, La Habana, vol. IV, n. 4, p. 62-83, Julio-diciembre 2004.

AYERBE, Luis Fernando. **A revolução Cubana**. São Paulo, Editora UNESP, 2004.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CAROIT, JEAN-MICHEL. “Exército cubano controla 322 empresas”. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, Nº 28.249, Caderno Mundo, pag. A15, 09 de Agosto de 2006.

CEPAL. **La economía cubana**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

DOMÍNGUEZ, Jorge I. **Cuba en las Américas: ancla y viraje**. Foro Internacional, Ciudad de México, vol. XLIII, n. 3, 265 p., julio-septiembre, 2003.

DOMÍNGUEZ, Jorge I. “El sistema político cubano en los noventa”. In: BOBES, Velia; ROJAS, Rafael. **La Transición invisible**. Ciudad de México, Océano, 2004.

DOMÍNGUEZ, Jorge I. “La política exterior de Cuba y el sistema internacional”. In: TULCHIN, Joseph; ESPACH, Ralph. **América Latina en el nuevo sistema internacional**. Barcelona: Bellaterra, 2004b, p. 255-286.

GONZALES, Gerardo. **El Caribe en la política exterior cubana: una periodización**. Cuadernos de Nuestra América, La Habana, vol. VII, n. 16, 320 p., 1991.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

LÓPEZ SEGRERA, Francisco. **Cuba: política exterior y revolución**. La Habana, ISRI, 1988.

MESA-LARGO, Carmelo. "Hacia una evaluación de la actuación económica y social en la transición cubana de los años noventa". América Latina Hoy. Salamanca, n. 18, p. 19-39, marzo, 1998.

NUÑEZ, Gerardo. **Las relaciones Cuba-Caribe: cambios y continuidades en los años 90**. Texto y Contexto, Santa Fe, Colombia, n. 24, Mayo-Agosto, 1994.

NYE, Joseph Jr. O paradoxo do poder americano. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

PEVIDA, Eduardo Klinger. **Cuba y la integración de América Latina y el Caribe**. Santo Domingo: Promlibro, 1995.

SADER, Emir. **Cuba: um socialismo em construção**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALAZAR, Luiz Soares. **Cuba: aislamiento o reinserción en un mundo cambiado?** La Habana: Ciencias Sociales, 1997.

SALAZAR, Luiz Soares. **La política de la Revolución cubana hacia América Latina y el Caribe: notas para una periodización**. Cuadernos de Nuestra América, La Habana, vol. III, n. 6, p. 137-180, Julio-diciembre 1986.